

FREUD-MARCUSE, CULTURA E SUBJETIVIDADE: NOTAS PARA UM NOVO PRINCÍPIO DE REALIDADE

Rogério Lustosa Bastos¹

RESUMO:

Discute-se a visão freudiana e marcuseana da cultura e a subjetividade. Para Freud, o homem tem pulsões (Eros e Tanatos) que não só se transformam no conflito com às coibições culturais, como é fato necessário para convivência social, sob o Princípio de Realidade. Para o atual Neoliberalismo, tal “princípio” se torna o “Princípio de Desempenho” e ainda a “repressão” é a própria “Mais-Repressão”. Marcuse discorda dessa apropriação dos conceitos freudianos: agora, na cultura do capitalismo global (cultura afirmativa), reproduzem-se os valores mercadológicos a partir de dentro do homem, sob uma subjetividade hegemônica, tendenciosamente “assujeitada”. Daí ser vital se recriar um Novo Princípio de Realidade, pois é preciso mudar a história e a subjetividade.

PALAVRAS CHAVES: Cultura. Subjetividade. Novo Princípio de Realidade

¹ Professor Titular da ESS/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pós- Doutor em Psicanálise pela UERJ; rogerlustosa6@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9910-7454>

FREUD-MARCUSE E CULTURA: ENTRE O UNIDIMENSIONAL E SUBJETIVIDADE À MARGEM

Freud (1921), sobre a cultura, em paráfrase, inspirado em Schopenhauer², diz que sob um dia de inverno extremado, em nome da sobrevivência, um grupo de porcos espinhos se aproxima um do outro a fim de que se aqueçam. Detalhe: quando adotam tal atitude, são feridos por seus próprios espinhos. Mas, como a alternativa a esse procedimento é a morte, eles se aproximam e vão administrando essas dores, até que ali encontrem um suposto ponto ótimo. Além do preço do sofrimento para afastar a possibilidade de óbito, há também um fato curioso: esse ponto se modificará a cada momento de seu erguimento, sob reconstrução contínua (FREUD, 1921 [1989])³. Partindo dessa ilustração, este artigo debate a noção da cultura para Freud, bem como com o auxílio da Teoria Crítica, representado aqui por Marcuse, analisa suas implicações com a pulsão de Eros e de Tanatos, na estruturação do sujeito, ou melhor, de sua subjetividade junto ao Princípio de Realidade. Surpreendentemente, se esse princípio de realidade foi elaborado quando o autor da psicanálise vivia em Viena, sob a ordem liberal, agora tal “princípio” será apropriado pela atual ordem neoliberal e será denominado de “Princípio de Desempenho”, pormenor que é significativo, sobretudo, para a atual sociedade de consumo. Assim, entre outras questões, se diante das metamorfoses da cultura liberal para a cultura do ultraliberalismo, o Princípio de Realidade se transformou neste último, por que não o reconstruir a partir do século XXI, como um “Novo Princípio de Realidade”?

Para Freud (1930, 1927) afora ser fator imprescindível, o conceito de cultura se implica com mecanismos significativos através dos quais não apenas nos socializamos, mas também nos defendemos da natureza. Esta, para o autor da psicanálise, se situa fora de nós e dentro de cada um, ou seja, Freud chama a atenção que falar de vida interna é falar dessa natureza que também trazemos dentro de nós, manifestando-se através das pulsões.

A cultura humana - refiro-me a tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e tudo o que se diferencia da vida dos animais,

² In: Schopenhauer. Parênteses e parábolas.

³ Paráfrase de Freud, a qual foi citada na “Nota de rodapé no 1” (capítulo 4). In: Psicologia das massas e análise do Eu (Vol. XVIII). Obras completas.

(e me omito de fazer a diferença entre cultura e civilização)-, pela nossa observação, apresenta-se por dois aspectos básicos: por um lado, abarca todo o saber e o poder que os homens adquirem para governar as forças da natureza e obter os bens necessários para satisfazer suas necessidades; de outro, compreende todas as normas necessárias para regular os vínculos recíprocos entre os homens e, em particular, das distribuições dos bens acessíveis (FREUD, 1927 [1988b], p. 5-6).

Essa noção de cultura entrelaçada com questões relevantes, em resumo, são: (1^a) entender a cultura aqui é ver que ela tem uma relação dialética com a natureza. Detalhe: ainda que bela e nos nutrindo com oxigênio, através de seus rios e florestas etc., Freud aponta que ela não só está dentro e fora de cada ser humano, como também é hostil a este. Assim, de um lado, para se defender de tais intempéries da natureza externa, o homem se agrupa, se organiza e produz remédios, cria casas, prédios, hospitais, inventa microscópios, vacinas e por aí afora. Sim, ante essas “hostilidades”, ele cria um processo cultural cuja pretensão é se firmar sobre a natureza ao longo da história. De outro, considerando que também a trazemos em nós, aqui ela se apresenta em seu estado primário e inconsciente, bem como se manifesta através das pulsões de Eros e de Tanatos. Tais pulsões são vitais para o desenvolvimento humano e inclusive na formação de sua subjetividade, contudo, caso não se submetam ao processo cultural, os quais nos impõe suas leis e normas em favor de nossa socialização, elas podem também nos destruir, pois essas pulsões vivem exclusivamente em função do prazer. (2^a) há também nessa definição freudiana, um outro pormenor: são os processos culturais que nos organizam no embate com nossas pulsões. Sim, diante disto, além de estruturarmos nossa subjetividade sob às leis e normas sociais ou sob o Princípio de Realidade, agora, dentro desta vida social, abrindo mão parcialmente das pulsões, existiremos para nos relacionarmos com o outro, na pretensão de conquistar o capital material e o capital relacional. Evidentemente isso aponta que o capital econômico é importante, mas não só⁴. O capital relacional que ganha relevância aqui, se traduz pela importância de se

⁴ Há muitas questões relevantes na discussão freudiana da cultura; contudo, uma das maiores é a que o humano tende a se estruturar e se socializar pelas relações amorosas, com o Édipo. Assim, o complexo de Édipo se torna não propriamente uma história de renúncia, mas de emancipação; menos uma adaptação do desejo às leis de realidade e mais a história de um reerguimento de um agente subjetivo, internalizando normas que regem as relações recíprocas entre sujeitos humanos reconhecidos, inspirando-lhe ou não a autonomia. Sim, estamos falando do lugar onde tudo começa,

construir e/ou cultivar laços afetivos entre nós. Trata-se de pensar esses laços”, os quais não só são significativos para nossa diferenciação, autonomia, como também para o desenvolvimento da relação conosco mesmo e com o outro. Em síntese, tal acontecimento se rubrica ao longo da história de cada um e no embate entre as pulsões e a cultura, através de suas leis e normas, que estruturará o sujeito. Ressalta-se, neste instante, a própria formação da subjetividade que se gesta e pode resultar em “homens mais sujeitos” ou “mais assujeitados”. Isto implica o seguinte: **(a)** após a socialização primária, os embates com a lei simbólica se reatualizam não só através dessa lei, mas através das normas e diretrizes da socialização secundária nas instituições sociais (escola, creches, instituições religiosas, de trabalho etc.). **(b)** dependendo das formas dos laços ou vinculações afetivas que vivenciamos na socialização primária (relações familiares), há forte tendência por repeti-las na socialização secundária (instituições sociais). Ora, tal “padrão afetivo”, além de ser fator inconsciente, tenderá a se manifestar por uma espécie de compulsão à repetição nas relações vividas nas instituições sociais, contudo, diz-nos Freud, esse “padrão” pode ser repensado e modificado. Sim, esses laços afetivos assujeitados – os quais podem nos atrapalhar nas relações na escola, na universidade, no trabalho - sob um processo terapêutico, podem ser recriados e transformados em laços de “homem sujeito” (Freud, 1988; Marcuse, 1981; 2001; 1997)⁵.

Em resumo, o pensamento freudiano, traz à tona a discussão de que o capital da relação afetiva com o outro é significativo, pois apesar de ter porção natural e pulsional, ele se forma ao longo da história no embate dessas pulsões com às coibições culturais. Tal fato se dá, sobretudo, para que o homem obtenha prazer na melhor das hipóteses, dentro da lei ou do princípio de realidade. Mas há detalhe peculiar: para Freud, é impossível vivermos em função da completude total, do prazer pleno dentro da realidade, esse procedimento só será possível, estruturadamente

para Freud, sinônimo da relação amorosa, que é edípica. Então, ao buscar resolver seu problema desejante fora dessa relação triangular, o homem, em vez de ter a mãe ou o pai, na melhor das hipóteses, se constrói como um ser independente, ou seja, rubrica uma história de um sujeito que direciona a libido de si próprio para os outros, bem como suas relações intrassubjetivas para intersubjetivas (Freud, 1914; Toews, 2000; Brunner, 2000).

⁵ Sob a ordem neoliberal, de acordo com o pensamento marcuseano, como veremos mais a frente, atualmente diante da existência padrão, favorável apenas aos lucros desmedidos, o “homem sujeito” ainda é uma utopia. Neste momento, ele é possível apenas através de subjetividades à margem, as quais, em tese, se criam por brechas, gestando modos de vida outsiders na subjetividade hegemônica.

falando, através da arte. Daí um mal-estar constante que nos acompanhará durante toda a vida. É como se Freud ao escrever o trecho que diz “oh, como é insensato viver e pensar que se deva destruir nossa cultura”, ele estivesse dialogando com a parábola citada de Schopenhauer. Sim, se de uma parte, somos o porco espinho que precisa do outro porco espinho para se defender das intempéries da natureza pulsional, e daí há a necessidade de submissão à lei simbólica e normas institucionais; de outra, esse fato não se resolve muito bem. Diante disto, ou do mal-estar já sinalizado freudianamente, um dia, quiçá a partir das primeiras décadas deste século, possamos recriar tal pacto social para colocarmos Tanatos a serviço de Eros, repensando um novo princípio de realidade – como veremos adiante.

Cultura? Que cultura? Diante desta questão, Marcuse (1981; 1997; 2001), inspirado em Freud, diz que lhe interessa apenas discuti-la através da cultura afirmativa, a qual, para ele, é a própria cultura do capitalismo atual. Em outras palavras, para o filósofo, afora ser o estudo da civilização do mercado globalizado, é aquela que não só reproduz os valores dessa sociedade consumista, mas também produz um sujeito bastante peculiar. Sim, aqui, trata-se de pensá-lo não como um sujeito de direito pleno, um sujeito realmente livre, mas justamente ao contrário. Evidentemente, tal sujeito até nasce para afirmar o direito, a política, a liberdade, o desejo, a imaginação, a família, a religião ou o que quer que seja, porém sempre dentro dos valores do mercado. Em síntese, neste particular, essa discussão, para Marcuse, implica-se com essa cultura afirmativa, sobretudo, porque expande o domínio do capitalismo globalizado pelos quatro cantos do mundo. Mas, detalhe: além de ditar as condições econômicas, como o fez até então, neste instante, o capitalismo globalizado ocupa a “alma” humana, transformando-a em uma “alma consumista” (subjetividade hegemônica), tudo isso rubricando esse sujeito econômico e subjetivo, que se designa em Marcuse como o “homem unidimensional”⁶.

⁶ Alguns estudos sobre Marcuse defendem que o filósofo, em termos da emancipação humana, foi otimista na obra “Eros e Civilização”, mas foi pessimista no livro “A Ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional”, notadamente pelo fato de que esse “homem unidimensional” traz à tona que o poder do capitalismo tardio desenvolve uma eficácia estupenda. Agora, tudo está dominado e a favor dessa hegemonia (Campos, 2004). Este artigo, baseando-se nessas duas obras citadas, acrescidas da leitura da “Cultura Afirmativa”, “Contrarrevolução e revolta”, “Dimensão Estética” e “Um ensaio sobre a liberdade” aponta que não obstante esse domínio unidimensional, há aqui algo que escapa...Enfim, diante disto, esse “consenso” globalizado, tem brechas e, entre elas, constata-se: ainda dentro dessa cultura afirmativa, se pode pensar na produção de subjetividades rebeldes, as quais, não em todos,

A cultura afirmativa é aquela cultura pertencente à época burguesa (...). Seu traço decisivo é afirmação de um mundo mais valioso, universalmente obrigatório, incondicionalmente confirmado, eternamente melhor, que é essencialmente diferente do mundo do fato da luta diária pela existência, mas que qualquer indivíduo pode realizar para si “a partir do interior”, sem transformar a realidade de fato (MARCUSE, 1997, p. 95-96).

O NOVO PRINCÍPIO DE REALIDADE: NOTAS PARA UMA REFLEXÃO

Pode-se curar cicatrizes nas pedras? Partindo desta pergunta e com o auxílio de Mia Couto (2013, 2015), autor moçambicano, desvela-se questões intrigantes sobre a cultura. Aqui por exemplo, cada pessoa é uma raça, tanto no sentido de combater toda e qualquer discriminação ao diferente do padrão em relação a pele, condição social, sexo, cultura, quanto também para dizer que nossa raça é a raça humana, daí temos direitos plenamente iguais, independentemente de qualquer diferença. Além disto, para esse escritor, o que faz alguém rico não é necessariamente sua conta bancária, mas os laços afetivos. Sim, em tese, pelo menos pelas páginas de Mia Couto, esses laços se traduzem principalmente por vínculos que fato existem, pois sempre que necessário, se pode contar. Tais laços afetivos, em geral, são sinônimos de vínculos familiares, mas não necessariamente.

Antes de discutirmos propriamente o Novo Princípio de Realidade, vejamos uma ilustração de algo que escapa ao processo de subjetivação hegemônica, conspirando contra o princípio de desempenho.

No conto, Rosa Caramela (COUTO, 2013b), o autor destaca uma mulher que ilustra, entre tantos exemplos, o que é viver à margem de tal ordem⁷. Aqui, Rosa se destaca, não só como mulher afetiva e prestativa, mas, principalmente, por uma particularidade: ela amava as estátuas. Rosa era “prestativa” e servia os habitantes da cidade, praticamente sob um regime de trabalho de escravidão dita moderna (servia a todos e não recebia concretamente quase nada por tais serviços); contudo,

mas em alguns, tais brechas podem emergir, dando-nos chances de se erguer outros modos de vida. “Modos” mais libertários, bem diferentes ao estabelecido (Marcuse, 1973, 1986, 1997, 1973b).

⁷ A literatura ilustra tal fato, sobretudo, porque, para o historiador Ginzburg, sua narrativa ficcional não só traz o registro e estudo da realidade social de forma mais livre, como também tende a nos ampliar a consciência crítica, bem como a imaginação moral (Ginzburg, 2006; Haddad, 2020).

quicá por isso, os habitantes faziam vista grossa para essa paixão pelas estátuas. Sim, ela as limpava, lustrava; vivia abraçada a elas, chegando, inclusive, ao disparate de beijá-las em público. E, mais um pormenor: Rosa tinha traços bonitos no rosto, mas era corcunda. Isto acrescido do fato da paixão por estátuas, sem dúvida, denotava cicatriz de fracasso: na verdade, diziam, ela foi abandonada no altar por um suposto noivo. Então Rosa era a louca das ruas e da devoção aos seres de pedra: “Vestia-lhes com ternura e respeito. Dava-lhes de beber, acudia-lhes nos dias de chuva” (COUTO, op. cit., p. 16). O estranho é que toda cidade caçoava dessa doida, exceto, diz-nos o narrador, o seu progenitor. Ao lhe denegrirem por ser corcunda e “trazer um escorpião nas costas”, esse pai argumentava: “Ninguém vê o cansaço dela? Sempre a carregar as costas nas costas...” (COUTO, op. cit, p. 16).

Um dia, diz o narrador, meu tio foi lá em casa e disse que Rosa estava encrocada: imaginam que, agora, ela quer venerar estátua de pessoas que são realmente o símbolo de libertação popular? Resumindo, Rosa se pôs a questionar em público o padre, o qual, além de poderoso e reacionário, queria enterrar rápido um rapaz que foi morto por ter ferido interesses poderosos... Para piorar, além ter subido a voz contra o tal padre, quando ele começou a falar mal desse rapaz, Rosa começou a tirar a roupa...Desnudou-se frente ao discurso injusto e, com a corcunda à mostra, em voz alta dizia que sua roupa iria para o defunto, pois ele, mesmo morto pelos homens, seria agora estátua eterna... Desfecho? Meu pai, ao escutar isso, mudou. Levantou-se da cadeira, despediu-se de todos, saiu de casa. Sim, saiu, finalmente, não para trabalhar, como minha mãe queria (lá em casa, ele nunca trabalhou: quem trazia o pão de cada dia, era ela), mas, naquela noite, ele saiu. Saiu para sempre. Enfim, ele foi atrás de Rosa. E, quando a viu no cemitério a chorar, dando-lhe roupas que trouxera, disse-lhe: - Sou eu, Rosa: não lembra?! – Sou eu, Juca. O seu noivo...Rosa que só tinha carinhos, desde então para estátuas, foi às lágrimas. Meu pai, então, abraçando o corpo corcunda e lhe agasalhando cicatrizes, disse: “Vamos Rosa...Vamos embora”. E foram-se os dois, noite adentro (op. cit. p. 23).

Ao ler esse conto de Mia Couto é impossível não pensar em Marcuse, principalmente quando argumenta: só teremos chances de criar Novo Princípio de Realidade quando pensarmos além da razão utilitarista, criando mudança qualitativa nos vínculos sociais (in: Habermas, 1980). Isto implica, entre outros fatores, o

combater a “mais repressão”, base do Princípio de Desempenho, pois sob essa ordem, excetuando o território artístico, Eros é simplesmente reprimido por tal logos.

Para resgatar a utopia, inspirado em Freud, Marcuse propõe que se pense um Novo Princípio de Realidade, o qual pode ser construído a partir de quatro pontos principais: (1º)- a criação da subjetividade rebelde contra a “mais repressão” e o “princípio do desempenho”; (2º)- a emancipação e o combate ao “trabalho alienado”; (3º)- a luta contra o “homem unidimensional”; (4º)- o resgate da utopia: a pulsão de morte a serviço de Eros.

(1º) Quanto ao primeiro ponto, Marcuse parte do pressuposto de que combatendo a “mais repressão”⁸ e o “princípio de desempenho”⁹, aumentaremos as chances do resgate da utopia, que é a criação desse “Novo Princípio”. Apresentando de outro modo: (a) Para Marcuse, quando Freud formulou a necessidade de nos submetermos ao recalque a fim de que pudéssemos, ao abrímos mão parcialmente das pulsões, respeitássemos às leis sociais, transformando essa pulsão em trabalho em prol da sociedade; neste momento, dado a escassez, seria mais do que justificado. Contudo, atualmente, com o advento de novas tecnologias e conquistas científicas, não só não há mais essa escassez, como também há todo um aparato tecnológico que pode deixar o ser humano melhor e mais produtivo. Assim, para Marcuse, há agora condições para que o homem exerça mais sua liberdade e se desenvolva mais pela arte e outras atividades criativas, que ainda poderão fazer a si e a sociedade progredirem de outra forma. (b) o filósofo argumenta que se isso ainda não ocorre, não é por falta das conquistas atuais, pois há toda uma automação que poderia propiciar tal avanço. Este fato ainda não se dá, sobretudo, porque essa

⁸ Esse conceito formulado por Marcuse a partir da visão freudiana da cultura, em síntese, quer marcar uma diferença com o “conceito de recalque” ou de “repressão” de Freud. Sim, enquanto o autor da psicanálise defende que há um recalque necessário para a estrutura do indivíduo, inclusive para que ele se submeta ao conjunto de regras básicas do “contrato social”, de outro lado, a “mais-repressão” extrapola essa necessidade. Na realidade, trata-se de mecanismo de repressão levado ao extremo, menos para que nos estruturamos e mais para que se defendam os interesses das empresas do capitalismo mundializado, preparando cada indivíduo para se assujeitar às coibições e regras em prol de lucros cada vez mais crescentes do capital.

⁹ Conceito formulado por Marcuse a fim de sinalizar: a) no capitalismo globalizado, sinônimo de neoliberalismo, ele entra no lugar do antigo “princípio de realidade”, criado por Freud, sob a ordem liberal. b) trata-se, antes de tudo, de um dispositivo que serve para socializar o homem na ordem do capitalismo mundial, naturalizando diferenças sociais, reduzindo a zero os direitos sociais, precarizando o trabalho, além, é claro, de aliená-lo. Um dos exemplos marcantes é a tendência de uberização do trabalho nos dias atuais (Slee, 2017).

automação e diferentes avanços tecnológicos, científicos e culturais são postos a serviço das mega empresas, do lucro e não verdadeiramente do homem. Fato que é uma luta política, ou seja, além das mudanças da subjetividade, aqui, mais do que nunca, faz-se também necessárias as lutas anticapitalistas que precisam ser feitas também através dos partidos, movimentos sociais, instituições.

(2º) Quanto ao segundo ponto, neste particular, Marcuse defende que é bastante importante se opor ao trabalho alienado, sustentado tanto pelas relações capitalistas, quanto também pelo Princípio de Desempenho. Esta junção, entre outros problemas, rubrica uma subjetividade hegemônica e, assim, contraditoriamente, naturaliza essas relações de exploração, pois cria uma forma de sentir que tem como base os valores da sociedade consumista. Um dos exemplos disto, foi o dito capitalismo humanitário proposto pela BIG TECH (grandes empresas de tecnologias: Google, Facebook, Uber, Amazon), pois, em nome de nova ordem de compartilhamento, de forma geral, acabamos concordando não só com “o que é meu é teu”, mas também com o aumento do trabalho precarizado, inaugurando uma era de aplicativos e outros avanços extremamente desregularizados, os quais, no fundamental, resultam no aumento e transferências de riquezas apenas para 1% da população mundial (MOROZOV, 2018; SLEE, 2017).

(3º) Na luta contra o “homem unidimensional”, terceiro ponto de nossa discussão, em resumo, Marcuse sinaliza o seguinte: de um lado que a discussão desse conceito é praticamente um aviso de que o atual capitalismo globalizado chegou num patamar extremamente nocivo para a sociedade humana. Sim, não só pelo grau de autodestruição que essa ordem faz em nome de lucros cada vez mais exorbitantes em relação ao meio ambiente e a transformação de todos e de tudo em mercadorias, mas também, e sobretudo, pelo risco da destruição dos ideais da liberdade, tanto do prisma societário quanto individual. O filósofo chega a argumentar que, sob o império do homem unidimensional, esse capitalismo tardio, tanto ditará como deve ser nossa vida econômica, quanto as diferentes subjetividades. Tal acontecimento, é claro, rubricará sempre os valores da sociedade de consumo, ou seja, estamos diante agora de uma ordem que, de fato e não na retórica, vai se apresentar por forte pendor totalitário cuja base é, nada mais nada menos, do que o partido único do mercado. Inaugurando a fase do dito neoliberalismo sem rival (MILANOVIC, 2020). Na

realidade, tal ordem tem três características básicas que colocam em risco a própria democracia liberal. Elas são: 1ª) quebra total dos direitos sociais. 2ª) privatizações em excessos, 3ª) fissuras nas democracias liberais em favor de um poder autocrático, aqui, de forma explícita ou velada, em que cada vez mais são defendidos interesses de apenas 1% da elite econômica em todo planeta (DARDOT & LAVAL, 2016). Sim, resistir aqui, para Marcuse, é participar das lutas anticapitalistas por partidos políticos, movimentos sociais. Contudo, é também fazer um trabalho cultural, combatendo o homem unidimensional na família, na escola, na instituição de trabalho, religião, mídias e assim por diante. Ora, se Freud argumentava que a história de organização de nossa cultura é erguida sob a repressão; de outro lado, Marcuse não nega tal pressuposto freudiano, contudo, alarga esse entendimento chamando a atenção para um detalhe. Se tal história foi erguida desse jeito, lá onde aconteceu o reprimido, existe também uma força que quer ser livre...Então, há que se aproveitar a força das pulsões, para nos emancipar; colocando, então, Tanatos a favor de Eros e não o contrário, que justifica, como até então justificou, essa história de repressão (MARCUSE, 1981, 1982; 1973 b; KANGUSSU, 2008; BORGES, 2003).

(4º) Discutir o quarto ponto desse debate, é compreender três questões básicas: 4.1- aqui, a atual sociedade capitalista não só se ancora no princípio de desempenho, que é altamente repressivo (a “mais repressão”), como também faz um jogo contraditório com a questão da liberdade. Na realidade, sob tal égide fala-se, estimula-se a defesa dessa questão pelos quatro cantos do planeta, contudo, sob um olhar crítico, tal procedimento é apenas ruidoso e falso, maquiando a opressão real. 4.2- Esta opressão ao real, entre seus exemplos significativos se destaca através da questão de Eros. Sim, de um lado, há todo um movimento para liberá-lo, inclusive com estímulo do comercial e do comércio, mas, à medida que isso é feito pela mera genitalização, perde-se de fato todo um potencial transformador de Eros tanto do ponto de vista individual quanto coletivo. Daí que, Marcuse, após a crítica ao homem unidimensional, chega à conclusão de que o resgate da utopia é possível, sobretudo, se escaparmos dessas armadilhas. 4.3- Esse resgate, além de ter chance de ser concretizado sob uma história de “longa duração” e não de “curta duração”, em resumo, é repensar a subjetividade, empreendendo esforços para que Tanatos seja posto a serviço de Eros, refundando um novo princípio de realidade. Isto, em síntese,

significa que, de um lado, Marcuse defende que a mudança radical na sociedade passa por se mudar a história externa ao homem e também se realizar uma mudança na subjetividade. Aqui, antes de tudo, é reeducar as pulsões. Ora, como para Freud, as pulsões têm um componente de “mãe” natureza, elas também têm um lado histórico e que pode ser modificada, como modificadas o foram para se submeter ao princípio de desempenho. Então, se em nome da escassez, fato que como diz Marcuse, no tempo de Freud poder-se-ia justificar que a pulsão de Tanatos teria que se submeter às coibições culturais, agora com as conquistas tecnológicas, Tanatos poderia ser colocado a serviço de Eros, não realizando essa socialização sob o império da “Mais repressão”. Sim, para Marcuse, o objetivo principal da pulsão de morte não é o término da vida, mas o da dor, a ausência de tensão. A meta básica aqui, então, não é a agressão, mas o término da tensão que se está incidindo sobre a vida ou o tipo de vida até então. Traduzindo: pode-se colocar a pulsão de Tanatos a favor da vida; colocá-la contra o tipo de vida que estamos submetidos sob a regência do “homem unidimensional”. Enfim, por mais paradoxal que pareça, diante do problema das pulsões, como a pulsão de morte não existe como um fim em si mesma, porém ela quer, antes de tudo, livrar-se da dor ou do desprazer, o embate entre a vida e a morte pode ser discutido, sobretudo, em função da vida caminhar realmente em direção ao estado de satisfação. A partir daí, o filósofo defende que estaríamos também frente às bases para que se resgate a utopia, pensando através da construção de um novo princípio de realidade.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Uma das principais conclusões desse artigo assinala que se Freud tem destaque na contribuição da psicanálise, ampliando a maneira de se lidar com as neuroses, ele traz legado ainda no plano da cultura. Em síntese, aqui, se vê que a cultura não só é algo que o homem constrói para se defender das intempéries da natureza externa, mas também da natureza interna que está em cada homem. Esta natureza interna se traduz pelas pulsões de Eros e Tanatos, as quais, além de ser inconscientes, no embate com a cultura, nos transforma e se transformam, criando

nossa subjetividade e, na melhor das hipóteses, “homens sujeitos” do ponto de vista pessoal e coletivo. Isto não é pouca coisa. Adam Smith (1987), por exemplo, defende que o homem é instintivamente mal, nasce egoísta, com forte tendência para o alto individualismo etc., diante disto o capitalismo é a única ordem social possível. Sim, o capitalismo é a única saída, para Smith, pois ante esse instinto egoísta, em nome da usura, do interesse próprio e de uma série de outros procedimentos que estimulariam a disputa e o egoísmo, a referida ordem estruturaria a sociedade, incentivaria a economia. Contudo, a teoria freudiana se opõe a isso. Primeiro, pelo fato de que, como o homem tem a linguagem, esse “instinto”, em cada humano, se apresenta qualitativamente como pulsão. Esta, ainda sendo egoísta e funcionando inconsciente e exclusivamente sob o princípio do prazer, nos entrança com a cultura, ou seja, ao se submeter ao conjunto de leis e normas sociais, tal pulsão não só tem chances de modificação, como também, a partir dela rubrica nossa subjetividade que vai surgindo junto ao processo de socialização. Evidentemente, como já disse o próprio Freud, essa modificação não é simplesmente adaptativa e nem perfeita. O custo dessa submissão às leis e normas culturais, é enfrentarmos os sintomas das neuroses, pois, abrindo mão parcialmente dessas nossas pulsões em favor da vida social, seremos sujeitos incompletos. Então, nos depararemos com um mal estar interminável, mas, sob atual estágio humano, fora da submissão ao Princípio de Realidade, dificilmente contaremos com uma estrutura psíquica, ainda que básica, para a convivência com o outro. Enfim, diante desse legado sobre a cultura, o qual aproxima o autor da psicanálise do iluminismo; parafraseando Voltaire (2020), poder-se-ia dizer que se Freud não tivesse nascido, ele teria que ser inventado.

Uma segunda conclusão, neste artigo, é a posição de Marcuse sobre a cultura afirmativa, a qual é a própria cultura da ordem do capitalismo globalizado. Ela, além de gerar uma subjetividade hegemônica no processo de socialização, está entrelaçada ao modo de vida dito racional do neoliberalismo. Sim, fica difícil separar a cultura afirmativa tanto do modo de vida econômico que ela dita, como também de uma subjetividade unidimensional que ela cria (francamente favorável aos valores de consumo), bem como de toda uma racionalidade técnica, científica, artística, que reproduz a razão hegemônica e utilitarista. Enfim, essa cultura produz uma “alma de consumo”. Resultado: este procedimento, identificando-nos aos valores vigentes, faz

que, em tese, se passe a desejar, falar, ver como quer a sociedade de consumo; naturalizando absurdos que destroem direitos, como por exemplo, através da uberização do trabalho.

Um novo Princípio de Realidade para Marcuse, aqui, é vital para se ir além da sociedade neoliberal globalizada, já que tal ordem, mesmo se dizendo a favor do iluminismo, do homem livre e da democracia, na realidade está adotando caminho oposto. Diante disto, um “novo princípio” se justifica e necessita ser construído tanto através das lutas partidárias e movimentos sociais, quanto pelas mudanças na subjetividade. Fato, que este artigo, através do pensamento marcuseano, traz à tona com quatro propostas para o debate. Enfim, esperamos que a discussão entre Marcuse e Freud contribua para a criação de uma nova ordem mais democrática cuja base se dará sob esse “novo princípio”, pois, em suma é uma construção em que Logos e Eros trabalharão juntos (BIRMAN, 1998). Sim, porque já estamos numa fase que, excetuando a essa ordem neoliberal, nada impede o homem de viver sob uma subjetividade e sociedade realmente mais livre, em que exista bem estar para 99% da população mundial e não apenas para 1%.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. Fantasiando sobre a sublime ação. In: BARTUCCI, Giovanna (Org.). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. A imaginação, a fantasia e o sublime: uma leitura de Eros e Civilização de Herbert Marcuse. In: **PSYSIS (Revista de Saúde Coletiva)**. Rio de Janeiro, 8 (I), p: 75-99, 1998b.

_____. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1987

BORGES, Abel, Silva. **Cultura, formação e subjetividade no pensamento de Marcuse**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

BRUNNER, José. Oedipus Politicus: o paradigma freudiano das relações sociais. In: ROTH, Michael (org.). **Freud: conflito e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. **Marcuse: realidade e utopia**. São Paulo: Annablume, 2004.

CAMPUS, Haroldo. **O Afreudisiaco Lacan na Galáxia de Lalíngua (Freud, Lacan e escritura)**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1990.

CONDURU, Roberto. Arte e cultura nos avessos da Globalização. In: CASTRO, Maurício Barros. **Arte e cultura: ensaios**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

COUTO, Mia. **Mulheres de cinzas**. São Paulo: Cia das letras, 2015.

_____. **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. A Rosa Caramela. In: **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Cristian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREUD, Sigmund (1930). **El Malestar em la cultura**. Buenos Aires, Obras completas. Bueno Aires: Amorrortu editores, 1988. Volume XXI.

_____. (1927). El porvenir de uma Ilusión. Buenos Aires, **Obras completas**. Bueno Aires: Amorrortu editores, 1988b. Volume XXI.

_____. (1921). Psicología de las massas y análisis del yo. **Obras completas**. Bueno Aires: Amorrortu editores, 1989. Volume XVIII.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

HADDAD, Naief. Meu país, minha vergonha: entrevista com Carlo Ginzburg. In: **Folha de S. Paulo**. 05/07/2020. Cotidiano, p. 13.

KANGUSSU, Imaculada. **Leis de liberdade: a relação estética e política na obra de Marcuse**. São Paulo: Loyola, 2008.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo do desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LOUREIRO, Isabel. **Herbert Marcuse: anticapitalismo e emancipação**. Disponível em: In: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732005000200001&script=sci_arttext#end03
Acesso: 20/03/2010.

MARCUSE, Herbert. Comentários para uma definição da cultura. In: **Cultura e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: **Cultura e sociedade** (volume 1). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Dimensão estética**. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: 1981.

_____. **Contrarrevolução e revolta**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. **Un ensayo sobre la liberación**. México: Ed. Joaquín Mortiz, 1973b.

_____. Pela frente única das esquerdas. In: LOUREIRO, Isabel (org.) **Marcuse: a grande recusa**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MILANOVIC, Branko. **Capitalismo sem rivais**. O futuro do sistema que domina o mundo. São Paulo: Todavia, 2020.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e da morte da política**. São Paulo: UBU editora, 2018.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

SLEE, Tom. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

SMITH, Adam. **Riqueza das nações**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

TOEWS, John E. Ter e ser: a evolução da teoria freudiana do Édipo como fábula moral. In: ROTH, Michael (org.). **Freud: conflito e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

VALLE, Lílian. Arte como criação e autoformação. In: CASTRO, Maurício Barros. **Arte e cultura: ensaios**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019b.

VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

FREUD-MARCUSE, CULTURE AND SUBJECTIVITY: NOTES FOR A NEW REALITY PRINCIPLE

ABSTRACT:

This paper discusses the Freudian and the Marcusean views on culture and subjectivity. Freud understands that man has drives (Eros and Thanatos), that turn into a conflict with cultural restraints, a necessary fact for social living under the Reality Principle (Realitätsprinzip). For the current neoliberalism, such “principle” becomes the “Performance Principle”, and “repression” is also the “Surplus Repression”. Marcuse disagrees with this appropriation from Freudian concepts: nowadays, in the worldwide capitalism culture (affirmative culture), the market values are reproduced from the inside of man, under a hegemonic subjectivity tendentiously “compliant”. Hence it is vital recreating a New Reality Principle, as it is paramount to change history and subjectivity.

KEYWORDS: Freud on Culture. Marcuse on Culture. Subjectivity. New Reality Principle.

FREUD-MARCUSE, CULTURE ET SUBJECTIVITE : NOTES POUR UN NOUVEAU PRINCIPE DE RÉALITÉ

RÉSUMÉ

On discute de la vision freudienne et marcusienne de la culture et de la subjectivité. Pour Freud, l'homme a des pulsions (Eros et Thanatos), se transformant à partir du conflit avec les contraintes culturelles, fait nécessaire pour la coexistence sociale sous le Principe de Réalité. Pour l'actuel Néolibéralisme, ce "principe" devient le "principe de performance" et en outre, la "répression" est la "Sur-répression" en propre. Marcuse désapprouve cette appropriation des concepts freudiens : maintenant, dans la culture du capitalisme mondial (la culture affirmative), les valeurs mercadologiques se reproduisent à partir de l'intérieur de l'homme, via une subjectivité hégémonique, tendancieusement "assujettie". C'est pourquoi il est vital de recréer un Nouveau Principe de Réalité, car il faut changer l'histoire et la subjectivité.

MOTS-CLÉS: Culture Freud. Culture Marcuse. Subjectivité. Nouveau Principe de Réalité.

RECEBIDO EM 26/09/2020

APROVADO EM 31/10/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php